



2. Histórias no Ciberespaço: Viagens sem Mapas, sem Referências e sem Paradeiros no Território Incógnito da Web

Anita Lucchesi^I

Este artigo analisa aspectos teóricos metodológicos relacionados à escrita da História na Era Digital. Trata-se de uma abordagem de caráter introdutório sobre alguns temas e problemas próprios à relação entre História e internet nos primeiros anos do século XXI (2001-2011). Destacamos, principalmente, problemas relativos à utilização de fontes históricas e documentos disponíveis no ciberespaço. Trabalhamos, sobretudo, questões relacionadas ao uso do hipertexto como novo caminho para um sistema de referências ainda mais virtual que o das clássicas notas de rodapé.

Palavras-chave: História, Historiografia Digital, Internet, Hipertexto

This paper examines theoretical and methodological aspects related to the writing of history in the Digital Age. It's a sort of introduction on some issues and problems on the relationship between history and the Internet in the early years of the century (2001-2011). We highlight mainly problems concerning the use of historical sources and documents available in cyberspace. It's especially about issues regarding the use of hypertext as a new way for a reference system more virtual than the classical footnotes system.

Keywords: History, Digital History, Internet, Hypertext

“as viagens são uma das fontes da história”

Chateaubriand, 1827

“Margem da palavra

Entre as escuras duas

Margens da palavra

Clareira, luz madura

Rosa da palavra

Puro silêncio, nosso pai”

Terceira Margem, Caetano Veloso e Milton Nascimento



Com o advento da Web, nota-se o surgimento de uma nova esfera global pública. Nesta esfera há websites que fazem uso público da História. Quando consideramos tal fato, é preciso levar em consideração a grande oferta de sites oficiais ocupados com o saber, que se dedicam a ofertar conteúdos históricos, bem como os sites e blogs de particulares e/ou empresas que também figuram neste novo espaço como autores ou, pelo menos, coautores, editores de conteúdos históricos.

No ciberespaço, há sites em que todos podem falar sobre um assunto e arrogar-se a autoridade de um especialista. A maior parte das revistas eletrônicas, blogs ou sites não acadêmicos é desprovida de um sistema padronizado de referência de autores. Esta característica ganha cores mais fortes, sobretudo se temos em mente as normas de referências sugeridas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ou se imaginamos como padrão de apresentação de autores o resumo dos currículos da plataforma Lattes, ao qual boa parte de nós é familiarizada. Quando muito, o que se encontra em sites diletantes são poucas linhas de bio,^{II} às vezes com links para redes sociais e/ou outros artigos dos autores.

A problemática em torno da noção de autoridade na rede é apenas mais um dos aspectos a nos colocar a necessidade de se realizar um exercício crítico e uma operação de seleção ainda mais atenta e rigorosa ao se lidar com o passado, por assim dizer, diluído na rede. A História em migalhas de bytes para lembrar a expressão de François Dosse.^{III}

Um dos problemas primários que parece se colocar diante deste novo espaço, particular porque não material, porque virtual (não analógico) e dotado de alto dinamismo, é justamente a falta de compartimentos, a ausência de critérios que agrupem ou classifiquem de maneira inteligível a enorme e plural oferta de recursos disponibilizados na Web. Segundo o historiador italiano Antonino Criscione, a melhor metáfora para pensar a “storia su internet” (a história na internet) seria mesmo a do arquivo,^{IV} justamente por dar conta deste caráter dinâmico e aberto que caracteriza a oferta de materiais não convencionais sobre história (todo tipo de documentos, a “multimedialidade”) constantemente “colocados” online, não em ordem, mas pelo menos, ordenáveis – isto é, passíveis de serem organizados por um usuário, uma vez determinado seu recorte.



Pensar uma organização, uma disposição e classificação de arquivos, sites e mídias variadas no ciberespaço nos leva a pensar a dimensão física que há neste virtual. Ou, pelo menos, a transposição da ideia de espaço físico e/ou de materialidade para o conceito de ciberespaço.

Vale, antes de avançar, deixar claro o que entendemos chamar de ciberespaço. Em primeira mão, em uma palavra: internet, a rede das redes. Para o criador do termo na literatura nos anos 1980, William Gibson, ciberespaço é:

Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de dados de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como marés de luzes da cidade.^V

Já segundo Pierre Lévy, um dos tantos autores que se apropriou e reformulou o conceito de Gibson, o ciberespaço é:

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.(...) Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século.^{VI}

Para nós é cara a atualização do conceito em Lévy, pois o autor lhe atribui, para além do forte valor abstrato já apresentado por Gibson, uma concretude já presente em nosso dia a dia quando nos referimos a algo que está na internet ou algo que fazemos lá. Isto é, a própria noção de espaço em si. E, além disso, devemos fazer atenção particular também ao último grifo. Assim, na descrição conceitual de Lévy, conseguimos encontrar correspondência para o que Silvana Drumond Monteiro elencou em sua ontologia do conceito como sendo elementos fundamentais do ciberespaço: 1) Web; 2) hipertexto; 3) browser; 4) mecanismos de busca.^{VII}

É através e neste ciberespaço assim definido que desejamos propor que sejam refletidas as viagens e descolamentos dos historiadores do século XXI. É interessante também recuperar a



imagem de ciberespaço que Robert Darnton associa analogamente a imagem que Santo Agostinho fazia da mente de Deus, por ser também onisciente e infinito, e neste aspecto também, bastante misterioso, daí levantar tantos questionamentos.^{VIII}

Se desde os tempos de Heródoto deslocar-se no espaço era já condição para que uma história fosse contada, hoje, dada a desterritorialização de textos, corpos e economias^{IX}, nos vemos de certo modo também levados a pensar as viagens dos historiadores, nas fronteiras entre um texto e outro, um arquivo e outro, bibliotecas, épocas e contextos históricos diferentes neste ciberespaço. Mas para “contar história”, tal qual nos ensinaram os antigos, não basta viajar e ponto. É necessário ir lá, voltar e dizer “eu vi”. Isto é, viajar e narrar.

Assim, nos é muito cara a concepção da Web como uma estrutura aberta, uma mídia, um meio ou espaço de interação, comunicação, cooperação e produção tal como já apontara Criscione. Espaço por tanto onde se pode viajar virtualmente entre um e outro texto ou arquivo de dado e, ao mesmo tempo, espaço onde hoje se dá também a etapa escrita da História, a produção. Nesta estrutura seria possível, por exemplo, acessar, sem sair do lugar (bastando apenas alguns comandos para o processador da máquina) um arquivo no Brasil e outro no Marrocos. Ou mais: um no Brasil, um no Marrocos, um na Itália e um nos EUA. Seria possível ainda organizar alguns arquivos (unidades de dados) retirados dos Websites das instituições “visitadas” em uma pasta/cartela ou outra mídia individual no computador do usuário e ter aquelas “cópias” disponíveis para acessar quantas vezes se fizer necessário ao longo da pesquisa. É possível ainda levar estes arquivos em um pendrive (dispositivo portátil de armazenamento de dados) para da onde quiser – seminários, aulas da universidade ou, até mesmo, para a beira da praia ou uma fazenda no interior, aonde nem mesmo chega energia elétrica. Estes exemplos pitorescos servem para ilustrar não somente a desterritorialização de que falávamos, mas também para colocar em discussão a mobilidade e os novos tipos de viagens e percursos que se abrem para os historiadores nos marcos da “cultura digital”.

Pensando a história em certa medida, dependente de viagens, como enuncia nossa epígrafe, cabe recordar alguns pressupostos deixados por aquele que foi considerado o pioneiro em produção de história. Voltemos, pois, alguns séculos para que possamos relembrar alguns postulados inescapáveis que nos foram legados por Heródoto, sobretudo no que dizem respeito à valia das viagens e das referências (ainda que para a época, não houvesse esta definição) para a história, que no âmbito deste trabalho ganham significativo destaque, visto



que diante do advento da internet temos pensado diferentes espacialidades (e, portanto, viagens) e novas formas, senão um novo sistema, de referências no contexto das produções in lócus na Web, isto é, os textos já produzidos no formato eletrônico digital.

Cabe lembrar que um dos, senão o principal, objetivo da escrita da História na concepção antiga era registrar e relatar os grandes feitos dos homens. Com Heródoto a narrativa destes fatos deixa de ser apenas mais um relato das musas, e assume uma espécie de compromisso em expor os fatos como eles foram. Para se diferenciar das narrativas fantasiosas e poéticas de até então, o pai da história deveria recorrer a um mecanismo de “fazer crer”, que legitimasse alguma verdade em suas narrativas, ainda que elas contivessem algum remanescente traço fantasioso, mítico, tornando assim, convincente, o jogo da enunciação.^X

É neste entendimento, de que é necessário “validar” a narrativa para atender a estes pressupostos que Heródoto vai recorrer, como trata François Hartog em seu *O Espelho de Heródoto*, ao mecanismo da autópsia como um dos possíveis e principal meio para alcançar o escopo de “tornar crível” a narrativa.^{XI} Através da referência “eu vi” era possível convencer o leitor de que o autor realmente teria presenciado aquilo que narrava e por esta razão recobriria à sua narrativa uma maior fidedignidade em relação àquelas escritas por narradores que não foram testemunhas oculares, que só ouviram a narrativa de determinado fato. O “ver”, portanto era para aquela concepção de história uma espécie de chancela de qualidade, de confiabilidade, uma característica “marca de enunciação”. Hoje chamamos de referência aquilo que lemos, e a voz “eu li” vem subentendida nas nossas notas de rodapé, ou se quisermos, no cenário desta “historiografia digital”, este “eu li” vem na forma de hipertextos. Pensemos na teia das conexões diversas do mundo digital a substituição das viagens “reais” (por oposição às “virtuais”) muitas vezes indispensáveis para a realização de uma pesquisa, por micro deslocamentos de mouse no espaço físico de uma mesa de trabalho, que resultam em um grande no ciberespaço, evitando as milhas, economizando o tempo das viagens e poupando os recursos do pesquisador. Ora, uma substituição de tal ordem, não altera em certa medida o fazer do historiador? Uma entre tantas perguntas que ficam suspensas nesse admirável campo novo.^{XII}

É importante ressaltar que as viagens virtualmente possíveis no ciberespaço não se tratam apenas da navegação através do browser de diversos Websites, fornecidos por instituições ou, como é cada vez mais freqüente, endereços localizados via mecanismos de busca (como o



Google). Realizar este tipo de “descolamento” trata-se de criar pontes e conexões entre textos, dados e sites diversos através dos chamados hipertextos.

Em 1999, o historiador norte-americano Edward L. Ayers nos alertava que os arquivos digitais e a escrita da história – a construção da narrativa em si – em suportes digitais nos levaria necessariamente a um novo tipo de escrita, que levasse em consideração os recursos – a possibilidade de construir conexões e manipular dados no ambiente eletrônico – que nos permitiriam então escrever uma história que pudesse ser lida e entendida em diversas etapas e camadas. Uma narrativa que, nestes moldes, possibilitaria um envolvimento muito maior dos leitores do que a escrita tradicionalmente realizada nos livros cartáceos (modelo do códex). À história narrada e escrita desta maneira Ayers atribuiu o título de hipertextual.^{XIII}

Ora, é justamente a relação entre história e hipertexto que, no cenário geral das discussões acerca da “historiografia digital” tem ocupado espaço central nas reflexões de diversos pesquisadores, ao lado das tensões de preservação do passado na rede e dos problemas relativos a uma história que pode ser escrita – e lida – por todos. Estudos-chave neste panorama são os de Daniel Cohen e Roy Rosenzweig, nos Estados Unidos, e a coletânea de Dario Ragazzini, na Itália. Ambos os trabalhos se destacam nos primeiros anos de pesquisas mais aprofundadas sobre as relações entre História e Internet. Com diferentes approaches, o que fazem os vários autores envolvidos no estudo da “historiografia digital”, como chamam, é levantar questões sobre como fazer história na Era Digital. Ainda não temos as respostas, mas estas correntes historiográficas começam a trilhar um caminho.^{XIV}

Devemos fazer atenção, em se tratando da produção e do compartilhamento de história na contemporaneidade digital, por assim dizer, que não ocorre apenas uma radical transformação inerente ao uso do hipertexto, mas também surge a possibilidade de uma escrita diferente, multimedial, que permite, à diferença da escrita fixa no livro impresso, escrever e reescrever um texto histórico, tornando-o capaz de apresentar temas por vezes inenarráveis na ausência de determinadas mídias (vídeos, imagens – editadas, dispostas lado a lado, sobrepostas, zoomadas ou não – áudios, mapas dinâmicos, tabelas dinâmicas etc.) que somente as potencialidades oferecidas pela Internet e pela escrita em seu formato digital permitiriam.

Criscione considera que o hipertexto transforma mesmo as bases do conhecimento fundadas na cultura do livro e dos textos impressos. Segundo o autor, o hipertexto apaga as distinções entre “início”, “meio” e “fim” de um texto, tudo isto se torna circunstancial, editável.^{XV} Isto é, um texto escrito no formato digital, recorrendo às multimídias e à referencialidade a partir de



links (possíveis na Web) se torna mais ou menos fluido, mais ou menos rígido. A característica central na relação entre as novas e as velhas mídias para Criscione reside na imediaticidade com que se dá a relação entre mídias e com que se realiza o acesso de várias destas mídias simultaneamente (ou quase) pelo leitor de texto.^{XVI}

Tal imediaticidade das novas mídias digitais frente às tradicionais se desdobra, para Criscione, em duas tendências opostas. Uma delas, a noção de transparência (ou a ilusão da transparência) que aflora quando se dá a possibilidade de o leitor acessar por ele mesmo, quase que instantaneamente um link e verificar a fonte referenciada em uma nota hipertextual. Outra é a opacidade, que pode resultar da fragmentação de muitos pontos de vista colocados à disposição através do acesso mediado pela tecnologia. São limites e possibilidades de se trabalhar em rede.^{XVII} Corre-se constantemente o risco de afogamento em meio a estes múltiplos pontos de vista no mar de informações em que se lançam as redes de links. Ao mesmo tempo, desavisados podem se julgar mais próximos da “Verdade” simplesmente por poder conferir instantaneamente determinadas referências. Acreditar nisso seria abandonar qualquer lição de método e teoria da história que já tivemos acesso até aqui. Contudo, há algo mais ou menos aferível que podemos afirmar desde já, é que estas possibilidades de transparência ou de opacidade tornam-se também elementos constantes da prática daqueles que optaram por trabalhar com história na rede. Os perigos oferecidos pelos sedutores apelos do anacronismo em narrativas tradicionalmente mais lineares em termos cronológicos, na internet se transmutam na fácil referenciabilidade através de links, o que não garante, por outro lado, um igualmente fácil exercício da crítica. Ousamos dizer que a hermenêutica das representações do passado na rede soma ao trabalho do historiador aspectos bastante complexos devido a todos os problemas que temos falado até aqui, como por exemplo, a hipertextualidade, a multimedialidade e mesmo a imediaticidade que marca a oferta de dados digitais-eletrônicos.

Outra face da imediaticidade que vivemos hoje e que se mostra também como um novo problema a ser pensado e estudado por nós historiadores, diz respeito à frequente publicação de notícias que se investem de uma questionável carga histórica para falar de passado sem que sequer seja produzido um sentido estritamente histórico para este ou aquele acontecimento. Interrogávamo-nos sobre a natureza desta história-produto há pouco quando falamos das redes sociais que capitalizam a noção de memória, como a extinta rede social Linkory,^{XVIII} que



surgiu em 2007 com a promessa de reunir – linkar – memórias na rede de maneira alternativa e divertida e com isso criar uma espécie de História vista pelo ponto de vista de todos.

Não mais Magistra Vitae, nem providencial e tão pouco autônoma, plena de autoridade, com um lugar de fala específico na sociedade, e às vezes até com a mácula responsabilidade do julgar. Nada disso. Segundo Stefano Vitali, arquivista italiano também interessado na relação entre Internet e História, os contornos que a história assume na nossa contemporaneidade, não são nem mesmo aqueles de uma micro-história, nem daquela vista de baixo ou pela periferia, mas uma sorte de patchwork de eventos fragmentados do qual escapam o nexos, o contexto e o enredo.^{XIX} Necessitamos, portanto, investigar as possibilidades de construção de sentido para o passado que quisermos interrogar na internet, cuidando para não permitir que a falsa ideia de transparência nos leve a adensar ainda mais a opacidade já mencionada anteriormente segundo a contribuição de Criscione em sua resposta a pergunta *Sopravviverà la storia all'ipertesto?*.^{XX}

A resposta de Criscione é clara. O hipertexto não há de ser um impedimento para a história e de certo, ela pode sobreviver aos seus desdobramentos. Segundo Criscione, antes de se tornar um empecilho para a escrita da história nos tempos de internet, o hipertexto contribui para a modificação de algumas práticas, possibilitando, por exemplo que os próprios leitores reconstruam, por si, os percursos lógicos de referências que geralmente são traçados unicamente pelos pesquisadores. Outra tendência que se acentua com o hipertexto é a ampliação das bases documentais pelas quais o historiador circula ao estruturar suas narrativas. Sintetizando, o recurso da hipertextualidade no meio digital possibilita, por diversas razões, a construção de novos percursos interpretativos, para quem pesquisa e escreve e para quem lê e, nestes moldes, termina por se tornar, em parte, coautor do trabalho. Dissemos isto, pois, ao quanto parece, a escrita hipertextual, tem desvelado não só novas configurações de textos, mas também novos conceitos de leitor e de autor.

Como assinala Lévy acerca da leitura no contexto da virtualização do texto, parece haver um espaço maior para a construção autônoma de sentidos para as ligações entre textos por parte dos leitores:

As passagens do texto mantém entre si virtualmente uma correspondência, quase que uma atividade epistolar, que atualizamos de um jeito ou de outro, seguindo ou não as instruções do autor. Carteiros do texto, viajamos de uma margem à outra do espaço do sentido valendo-nos de um sistema de endereçamento e de indicações que



o autor, o editor, o tipógrafo balisaram. Mas podemos desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas.^{XXI}

Tudo isto, graças ao chamado hipertexto, que nas palavras do autor, assim se define:

Com efeito, hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete, são outras tantas funções do hipertexto informático.^{XXII}

Muito bem, mas por que tanto nos preocupamos com as implicações do hipertexto e a produção historiográfica no atual cenário da “cultura digital”? Vejamos o que nos diz o historiador Roger Chartier a respeito:

No mundo dos impressos, um livro de história supõe um pacto de confiança entre o historiador e o seu leitor. As notas remetem a documentos que o leitor, no geral, não poderá ler. As referências bibliográficas mencionam livros que o leitor, na maioria das vezes, não poderia encontrar senão em bibliotecas especializadas. As citações são fragmentos recortados por mera vontade do historiador, sem possibilidade, para o leitor, de conhecer a totalidade dos textos de onde foram extraídos os fragmentos. Esses três dispositivos clássicos da prova da história (a nota, a referência, a citação) estão muito modificados no mundo da textualidade digital a partir do momento em que o leitor é colocado em posição de ler, por sua vez, os livros que o historiador leu e consultar por si mesmo, diretamente, os documentos analisados. Os primeiros usos dessas novas modalidades de produção, organização e certificação dos discursos de saber mostram a importância das operações cognitivas que implica o recurso ao texto eletrônico. Aqui há uma mutação epistemológica fundamental que transforma profundamente as técnicas da prova e as modalidades de construção e validação dos discursos de saber.^{XXIII}

Considerando o que nos traz Chartier, podemos então, imaginar que este menor grau de passividade das pessoas diante dos textos dispostos em ambientes digitais-eletrônicos pode até mesmo permitir que um leitor mais atento descubra um erro ou farsa no trabalho de um historiador. E para além, pensando-se na leitura de trabalhos acadêmicos entre pares, a possibilidade de se verificar a fonte em sua integralidade quase que instantaneamente pode estender aquele primeiro texto lido em muitas outras direções de leituras e reescritas de outros



pesquisadores que acessando o mesmo conjunto de fontes podem tentar preencher, aqui e ali, determinadas lacunas cujos limites do texto inicial não permitiria.

Há ainda outro aspecto, o da extensão e reprodutibilidade deste mesmo texto em seu próprio espaço de divulgação, como em blogs, por exemplo. No início da publicação de periódicos e folhetins, um texto de jornal era fechado nele mesmo, depois puderam ser enviadas cartas aos jornais, fazendo circular ainda mais informações, e com o tempo tornou-se quase uma cultura que os jornais apresentassem uma seção destinada à publicação das cartas dos leitores. Hoje, no contexto que Chartier nos descreve, a pessoa pode comentar o texto enquanto lê e, assim que termina de lê-lo, pode escrever para o seu autor na mesma hora, receber respostas, reproduzir o texto em outros canais etc. Enfim, há de se pensar também a reprodutibilidade destes textos e logo a ampliação de seu raio de alcance. Ao mesmo passo em que vemos aumentar a interação dos leitores com o texto e em muitos casos com os próprios autores.

Os novos trajetos possíveis entre fontes, referências e diversos textos – históricos ou não – interligados na teia da internet modificam, pois, de certa maneira pelo menos duas das três “fases” da operação histórica, necessariamente relacionadas uma a outra, quais sejam, o estabelecimento da prova documental e a colocação em forma literária do que se pesquisou, isto é, o encerramento da própria representação historiadora.^{XXIV}

Levando em conta pelo menos estas particularidades do texto no panorama da “cultura digital” atual compreende-se a importância de pensar mais a fundo finalmente o que vem a ser o chamado hipertexto. Afinal, se ele redesenha os esquemas de referência sem o qual a validade de qualquer trabalho de caráter histórico pode ser questionado, devemos, de fato, estar atentos àquilo que de especial em seu uso altera nossa forma de apresentar e incluir no texto este importante dispositivo da narrativa histórica que é a referência.

As referências se fazem necessárias porque em se tratando de produzir representações do passado a partir do contato e estudo das várias fontes não podemos esquecer que entre aquilo que lemos e o que produzimos a partir disto existe uma grande diferença. Podemos até dizer, uma distância insuperável, na medida em que as interpretações dos documentos e bibliografias consultadas são subjetivas e também variam de acordo com a institucionalidade e contexto de produção em que cada escrito e autor se encontram inseridos.^{XXV}



Cada sujeito carrega consigo uma carga de subjetividade singular com a qual assina seus textos, carga esta que orienta suas interpretações, suas expectativas e preferências políticas, experiências de vida etc. Portanto, não existe uma correspondência absoluta entre as fontes e o que é produzido pelo historiador, este não faz simplesmente um “recorta e cola” de informações, pois o passado não é um dado objetivo a ser extraído das fontes tal e qual, ao gosto da escola rankeana. A autópsia, então, não pode ser considerada um “legitimador” perfeito e indeturpável para garantir a maior verdade de um texto chancelado por esta.

O mesmo raciocínio serve também para o sistema referencial que usamos hoje, não é o número de dezenas de fontes bibliográficas consultadas e nem a quantidade de links referidos a atribuir maior ou menos valor (de verdade) a um texto. A qualidade de um texto está amarrada ao conjunto complexo de todos os passos que constituem uma pesquisa, desde o surgimento de um questionamento, à seleção e tratamento das fontes, até as etapas finais de escrita e elaboração de hipóteses, a depender finalmente, recorrendo mais uma vez a Hartog, das chamadas “condições de visibilidade”, determinadas não só pela paisagem escolhida e a disponibilidade de fontes para acessá-la, mas também pelo observador-narrador e de como este participa as suas experiências pessoais no seu trabalho.

Hoje a subjetividade não é mais algo tão repudiado. Já acostumados ao “este é o meu ponto de vista” embutido em cada texto, ainda que não-dito, implícito. As novas correntes historiográficas têm negado a possibilidade de uma escrita neutra e positivista da história. Porém, permanece indispensável respaldar aquilo que se está dizendo, em qualquer situação. Logo, continuamos em busca de chancelas de qualidade, selos para legitimar o que afirmamos. Falamos ainda das marcas de enunciação. Ainda é cedo para afirmar algo categoricamente, mas o que nos parece patente é que o hipertexto traz novos problemas para a escrita da história.

As clássicas referências bibliográficas, parte indissociáveis dos livros de história, continuam verificáveis, e ainda que não estejamos em condições de acessá-las manualmente de imediato, sua verificação pode ser feita em qualquer tempo, desde que nos desloquemos até o ponto em que tal obra referenciada se encontra depositada. O problema que se apresenta a esta altura em relação às teias de hipertextos que temos tecido é: como haver garantia de que o percurso de links que fazemos para construir um texto estará sempre disponível? Referimo-nos à velocidade com que alguns endereços “saem do ar”, arquivos ou sites inteiros que se



corrompem ou desaparecem,^{XXVI} e depois não conseguimos acessar o mesmo documento. É o já anunciado problema da conservação perante a obsolescência e fragilidade dos formatos digitais. Alguém se lembra dos disquetes? Ou ainda, quem é que nunca se surpreendeu ao buscar determinado conteúdo e encontrar, em lugar do resultado de sua pesquisa, um dos tantos modelos possíveis de páginas com a mensagem Error 404 - Page not found.^{XXVII}

Para a nossa maior preocupação, esses tipos de erros em pesquisas na internet é muito frequente. Assim, mais uma inquietante pergunta que levantamos ao pensar a escrita de um texto histórico à base de hipertextos é: qual será a chancela de qualidade dos nossos textos e verificabilidade (estabilidade das referências listadas no trabalho) para nossos leitores? Não nos serve somente indicar o “eu li” se não temos as garantias de que o “lido” permanecerá legível. Que outras mais margens da palavra, lida e escrita, nos serão apresentadas no incógnito emaranhado de links em nós e cachos que caracteriza a Web? Em que dimensão terminam por se esquecer os arquivos e endereços corrompidos? Haverá terceira margem neste ciberespaço por desbravar?

Resta interrogarmo-nos acerca da pretensão de verdade de todas estas histórias espalhadas pela rede. E mais, saber – ou antes mesmo, como saber? – quem responde por elas. Parece, com isso, que também temos um problema no que se refere à autoridade do texto, seja no sentido de autoria, como no de autoridade acadêmica, pois na rede os papéis de emissor de mensagens/enunciados e de destinatário se podem se confundir, como vimos com Lévy e Chartier acima. E por falar em autoridade, vale lembrar que nem sempre os textos são assinados, por isso estamos sempre sujeitos a um tipo de “história sem historiador.”^{XXVIII} Parece irresistível a constatação de que vivemos em tempos de imprevisibilidade, sob o símbolo de uma espécie de Prometeu desacorrentado.

Como nota o historiador francês:

o escrito “virtual”, raramente assinado, oferece, amiúde, para os consumidores, sem que o internauta o saiba, uma história sem historiador. Ao contrário da produção impressa, para a qual se dispõe de instrumentos de discriminação (bibliografias, resenhas críticas, reputação científica...), para a “rede” não existem hoje senão muito poucos meios para avaliar a qualidade do que nela se oferece, e as “sitegrafias” não são numerosas, nem muito confiáveis. Há, além disso, um agravante: a virtualidade da informação conduz facilmente a uma falta de distanciamento, em função de uma relação mais distanciada com as fontes mais diversificadas, a informação que chega às telas é julgada e utilizada a priori por estudantes e jovens pesquisadores com menos filtros críticos ainda do que a informação impressa. De certo modo, a magia



da acessibilidade de dados distantes, somada à juventude do meio de informação, prejudica em parte, o olhar potencialmente crítico.^{XXIX}

Como podemos, pois, nós historiadores, viajar neste ciberespaço, ainda tão novo para aqueles que há pouco viviam no pó dos arquivos? Como equacionar o problema “história sem historiador” enunciado acima através do trabalho de Rolland? O que se altera na tensão entre memória e esquecimento na internet? Que novos percursos permitem os hipertextos para historiadores e leitores em tempos de internet? Como lidar com este regime de hiperimediatez em que vivemos atualmente? São perguntas nas quais este breve e intenso início de século tem nos feito pensar muito. Com o presente artigo não temos a falsa ideia de ter respondido a nenhuma destas questões. Nossa contribuição para o debate, aliás, segue mais a linha de um convite aos colegas leitores, de que pensem conosco as possibilidades e os limites para a História neste incógnito ciberespaço em que avançamos no século XXI.

Notas

^I Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011), tendo participado de programa de intercâmbio na Università degli Studi di Firenze (Itália, 2008). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS). Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Metodologia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia digital, internet e novas mídias. anita.lucchesi@gmail.com

^{II} Vocábulo pelo qual se identifica o resumo de apresentação dos usuário do microblog twitter.com, limitada a 160 caracteres.

^{III} DOSSE, François. A história em migalhas: dos Annales à Nova História. São Paulo: Ensaio; Campinas: EdUnicamp, 1992.

^{IV} CRISCIONE, Antonino. Sopravviverà la storia all'ipertesto? In *Memoria e Ricerca* n.s. 12 (2003), p. 165. Disponível em <<http://www.fondazioneecasadiorini.it/modules.php?name=MR&op=body&id=316>>. Acesso em 18 de novembro de 2011.

^V GIBSON, Willian apud MONTEIRO, Drumond Silvana. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.8 n.3 Jun/07 Artigo 03

^{VI} Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed.34, 2000, p. 92-93, grifo nosso.

^{VII} MONTEIRO, Drumond Silvana. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.8 n.3 Jun/07 Artigo 03



^{viii} DARNTON, Robert. A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace. Chronicle of Higher Education; American Historical Association, 1999. Disponível em: <<http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm>> Acesso em 10 de dezembro de 2011.

^{ix} LÉVY, Pierre. O que é o Virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 51.

^x HARTOG, François. O Espelho de Heródoto. Tradução de J.L. Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 297-302.

^{xi} Idem.

^{xii} A expressão “admirável campo novo” faz referência ao título do artigo de caráter introdutório de Antônio Fernando de Sá Araújo, do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, que de maneira pioneira no Brasil, em 2008, dedicava-se a apresentar os desafios que se colocavam para os profissionais da história em tempos de internet. O artigo foi publicado na Revista Eletrônica Boletim do TEMPO (grifo nosso). Ver bibliografia.

^{xiii} AYERS, E. L. History in Hypertext, 1999. Disponível em <<http://www.vcdh.virginia.edu/Ayers.OAH.html>>. Acesso em 13 de dezembro de 2011.

^{xiv} Ver COHEN, Daniel J, ROSENZWEIG, Roy. Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006. Disponível em: <<http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/index.php>> Acesso em 20 de dezembro de 2011 e RAGAZZINI, Dario. La Storiografia Digitale. Torino: UTET Libreria, 2004.

^{xv} CRISCIONE, Antonino, op. cit.

^{xvi} Idem.

^{xvii} Idem.

^{xviii} Segundo o Internet Archive, o Linkory esteve disponível no endereço <http://www.linkory.com/> pelo menos até 02 de fevereiro de 2011. Hoje o site encontra-se desativado e o endereço link a um conteúdo que não corresponde ao real Linkory. Último acesso em 10 de dezembro de 2011.

^{xix} VITALI, Stefano. Rappresentazioni Della Storia e del Passato Nella Rete. Archivio di Stato, Firenze. Nov. 2005, p. 05. Disponível em: <http://biennale.st.tiscalibusiness.it/62/61793.pdf> Acesso em 20 de dezembro de 2010.

^{xx} Livre tradução: “Sobreviverá a história ao hipertexto?”. CRISCIONE, Antonino, op. cit

^{xxi} LÉVY, Pierre, op. cit, p. 36, grifo nosso.

^{xxii} Ibidem, p. 37.

^{xxiii} CHARTIER, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, UNESP, 1999 (1ª reimpressão 2009), p. 60-61, grifo nosso.



^{XXIV} Considerando as três fases tais qual elegeu Paul Ricoeur: documental, explicação/compreensão e representação historiadora. Ver: RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010, p. 288 e 289.

^{XXV} CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. História: novos problemas, 3ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, Editora, 1988. p. 27.

^{XXVI} Tal qual aconteceu com o site do linkory.com anteriormente citado.

^{XXVII} Como o resultado que se obtém na busca pelo artigo de Robert Darnton “Can an 18th-century book peddler bring academic publishing to the Web?”, citado por Serge Noiret (2002) na seguinte referência: LinguaFranca, the Review of Academic life Online, 10/5 - July/August 2000, url: <http://www.linguafranca.com/0007/inside-webcast.html>

^{XXVIII} ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégia de memória e mitologias políticas. Revista Tempo, Rio de Janeiro, nº 16, pp. 59-92. jan. 2004. p. 02

^{XXIX} Idem.

Referências Bibliográficas

AYERS, E. L. **History in Hypertext**, 1999. Disponível em <http://www.vcdh.virginia.edu/Ayers.OAH.html>. Acesso em 13 de dezembro de 2011.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. **História: novos problemas**, 3ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, Editora, 1988. p.17-48.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, UNESP, 1999 (1ª reimpressão 2009).

COHEN, Daniel J, ROSENZWEIG, Roy. **Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006. Disponível em: <http://chnm.gmu.edu/digitalhistory/index.php> Acesso em 20 de dezembro de 2011.



CRISCIONE, Antonino. Sopravviverà la storia all'ipertesto? In *Memoria e Ricerca* n.s. 12 (2003), p. 165. Disponível em <<http://www.fondazioneecasadioriani.it/modules.php?name=MR&op=showfascicolo&id=30>>. Acesso em 18 de novembro de 2011.

DARNTON, Robert. A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace. Chronicle of Higher Education; American Historical Association, 1999. Disponível em: <<http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm>> Acesso em 10 de dezembro de 2011.

_____, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Companhia das Letras, 2010.

HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**. Tradução de J.L. Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 2000.

_____, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Ed. 34, 2010.

MONTEIRO, Drumond Silvana. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. DataGramZero - **Revista de Ciência da Informação** - v.8 n.3 Jun/07 Artigo 03

NOIRET, Serge. La 'nuova storiografia digitale' negli Stati Uniti (1999-2004). **Memória e Ricerca**, nº 18, gennaio-aprile de 2005.

PAROLIN, Laura. Come Cambia Il Concetto di "autorità accademica" com la rete. **Memoria e Ricerca**. In n.s. _____ 9 (2002), 169. Disponível em: <http://www.fondazioneecasadioriani.it/modules.php?name=MR&op=body&id=266> Acesso em 13 de dezembro de 2011.

RAGAZZINI, Dario. **La Storiografia Digitale**. Torino: UTET Libreria, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

ROSENZWEIGH, Roy e THELEN, David. **The Presence of the Past. Popular Uses of History in American Life**, New York, Columbia University Press, 1998, p.178.

ROLLAND, Denis. **Internet e história do tempo presente: estratégia de memória e mitologias políticas**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, nº 16, pp. 59-92. jan. 2004.

SÁ, A. F. DE A. Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet. Rio de Janeiro: **Revista Eletrônica Boletim do TEMPO**, Ano 3, n. 07, Rio, 2008. [ISSN 1981-3384]

VITALI, Stefano. Rappresentazioni Della Storia e del Passato Nella Rete. **Archivio di Stato**, Firenze. Nov. 2005. Disponível em: <http://biennale.st.tiscalibusiness.it/62/61793.pdf> Acesso em 20 de dezembro de 2010.



_____, Stefano. **Passato digitale: le fonti dello storico nell'era del computer**, Milano:
Bruno Mondadori, 2004